



Newsletter de Continence Care Para profissionais de saúde

Coloplast®
Professional

ENTREVISTA

Sharon Holroyd, uma enfermeira com 20 anos de experiência em urologia e trabalhando com pacientes com problemas de bexiga, compartilha suas experiências em ajudar pacientes a aderir ao cateterismo intermitente limpo (CIL).

Qual é a reação típica do paciente em relação ao CIL?

A maioria fica horrorizada com a ideia. Muitos deles pensam que é algo que eles nunca serão capazes de fazer. Acho que alguns estão indignados com essa ideia. E dependendo de como eles vêm até você, alguns ainda estão lidando com a ideia de que sua bexiga não funciona como deveria. Então, eles têm muita raiva e tristeza, e sentimentos de "Por que eu? Por que eu tenho que fazer isso?"

Como você os ajuda a superar essas barreiras iniciais do CIL?

É sobre ser honesta com eles. Às vezes, temos que rever porque eles acabaram precisando desse tratamento em primeiro lugar. Reforçamos os benefícios para eles e tentamos reiterar que o CIL lhes dá o controle. Isso é algo que, uma vez confiantes, pode ser adaptado para se atender às suas necessidades e vidas pessoais, então eles terão um pouco de flexibilidade com isso.

Em sua experiência, quais são as barreiras para a adesão ao CIL?

Depende da faixa etária. Com os adolescentes, é muito difícil porque eles não querem ser diferentes. Com adultos, é muito individual. Depende de qual é seu estilo de vida e se eles podem se encaixar em seu padrão normal de trabalho ou hobbies. Muitos sentem que suas vidas precisam mudar significativamente e que não podem mais fazer as coisas que desejam. Então, é sobre como superar essa barreira e dizer a eles: "Sim, você pode".

Como você faz com que eles confiem no CIL como a melhor opção de tratamento para eles?

Nós deixamos que eles nos digam quais eles acham que são os problemas. Embora possa não parecer grande coisa para um profissional de saúde, é muito importante para eles. Portanto, muito se trata de deixá-los discutir o assunto, ajudá-los a identificar onde eles acham que estão os problemas e, em seguida, trabalhar com eles para encontrar soluções. Por exemplo, se for algo como "Eu não posso fazer isso no trabalho porque não tenho acesso a um banheiro privativo", então procuramos maneiras de alterar o horário de quando eles precisam usar o cateter para que possam fazer em casa. É apenas dar a eles soluções de onde e como isso pode funcionar para eles. Mas, ao mesmo tempo, torná-los parte dessa decisão para que sintam que fizeram a escolha, em vez de ouvir o que fazer. Em alguns casos, trata-se também de colocá-los em contato com outra pessoa que esteja confiante em fazer o CIL para ter um bate-papo com eles. Depende apenas do indivíduo. Você tem uma ideia de como as pessoas se sentem confortáveis e quais caminhos estão disponíveis para elas.



“Em primeiro lugar, mostro a eles uma variedade de produtos e deixo claro que a escolha é deles. Eu comparo isso a comprar um par de sapatos novos; é importante que você escolha os que são mais confortáveis para você”.

“Eu sempre tento lembrar que não sou eu quem precisa tentar fazer isso. O CIL é diferente para cada pessoa. É altamente individual - e é tudo sobre ouvir o que essa pessoa está tentando dizer para você e descobrir onde estão seus problemas”

Sharon

Depois de fazer com que eles aceitem o CIL, como você vai treiná-los na realização do procedimento?

Em primeiro lugar, mostro a eles uma variedade de produtos e deixo claro que a escolha é deles. Embora, em teoria, qualquer tubo oco possa ser usado, eles precisam encontrar o produto que seja fácil de abrir e usar. Eu comparo isso a comprar um par de sapatos novos; é importante que você escolha aqueles que são mais confortáveis para você. Eu faço com que eles brinquem com alguns tipos diferentes de produtos, fazendo com que eles os toquem e sintam sem usá-los, apenas para que possam ver como é a sensação. Às vezes uso um modelo anatômico. Isso é muito específico do paciente. Muitos pacientes não percebem o que é a uretra, onde está e como funciona, então o modelo pode ser bastante útil. E, como o modelo anatômico às vezes pode causar um pouco de humor, isso meio que quebra o gelo e os faz relaxar um pouco mais. Então, é sobre como avaliar onde eles farão o CIL; como vão fazer isso; em que parte de suas vidas isso vai impactar - para que possamos adaptar a técnica que eles vão usar.

Como você garante que eles desenvolvam bons hábitos?

Sempre dizemos que é como aprender a dirigir: vou ensinar a você a melhor e mais segura forma possível de fazer isso, mas todos pegamos dicas e atalhos ao longo do caminho. Não sei o que eles farão quando voltarem para casa, então estou apenas reiterando o lado da segurança - que precisa ser uma técnica limpa e que há um risco de infecção que eles precisam estar cientes, sem fazer parecer que é o fim do mundo. Trata-se de encontrar algo que ressoe neles, algo que os ajude a perceber, “tudo bem, se eu não fizer isso, haverá consequências”. E isso vem de conhecer o paciente.

Você mencionou várias vezes a ideia de controle e escolha. Você diria que esses são os principais fatores para fazer os pacientes aderirem ao CIL?

Sim eu diria. Não faz muitos anos, um médico ou enfermeira ficaria ao pé da cama e diria o que você precisa fazer, e você faria. Questionamos muito mais as coisas agora e, geralmente, não gostamos que nos digam o que fazer. Então, ao dizer: “Há uma escolha a ser feita. Aqui estão os lados bons disso; e aqui estão os lados não tão bons, vamos ver onde você se encaixa nisso”, que parece funcionar melhor com a maioria das pessoas. Não podemos forçar ninguém a isso. O importante é dar a eles um elemento de escolha. Seja simplesmente uma questão de escolher o produto ou a cor da embalagem ou a frequência com que eles fazem isso, desde que tenham a capacidade de entender as consequências de suas ações, a escolha é deles.

Considerando seus anos de experiência, o que você acha que é mais importante ter em mente ao trabalhar com pacientes de CIL?

Eu sempre tento lembrar que não sou eu quem tem que tentar fazer isso. O CIL é diferente para cada pessoa. É altamente individual - e tem tudo a ver com ouvir o que essa pessoa está tentando dizer a você e descobrir onde estão seus problemas, em vez de dizer: “É apenas um tubo”. É muito fácil quando se trabalha na área da saúde ficar um pouco insensível às coisas. Mas manter essa sensibilidade para que os pacientes entendam que você entende os desafios que eles têm é muito importante.